

A NATUREZA DOS ELEMENTOS. Os vazios são preenchidos pelo vento. Que toca o concreto. E exerce seu poder de definir as formas. Mas nada pode fazer sem a luz. Então criam uma aliança e assumem o papel de escultores. E sob esse disfarce parecem ordenar o caos. Mas subvertem as realidades. Fingem. Pregam uma peça. Confundem-se com outras matérias do mundo. Abrem asas. Se apresentam como Himalaias. Aspiram à constância. À estabilidade. À solidez. Querem suprimir o movimento que lhes é próprio. Querem congelar qualquer movimento. E até mesmo acabar com o próprio tempo. Decidem então fixar o que deve ser maleável. As telas. E as mulheres. Numa caverna de ar e luz. Em poses de bisontes mágicos. De pinturas de Lascaux. De estátuas de pedra viva. Como cabeças de Janus. Aquele deus ambivalente. Uma cabeça no passado à

Cabeça de Janus de Roquepertuse,
França, séc. III-II a.C.



esquerda. Uma cabeça no futuro à direita. Sem presente. Mas essa suspensão do tempo priva as duas mulheres de suas expressões mais prosaicas. Tornam-se épicas. Desmesuradas. Filhas dos senhores dos ventos. Dos Titãs. Sacerdotisa e Imperatriz. Arcanos de tarô. São obrigadas a se mostrar como forças primevas. Com a altivez dos animais. Cabras das montanhas. Mulheres leões de olhares cautelosos. Íntimos dos segredos da sobrevivência. Pontos de fuga

de duas linhas. Que se encontram na mirada da dúvida. Na mirada do possível inimigo. Olhos de fuzis. Escaldadas no inferno. Couro curtido nas faces. Carrancas de um navio sem mastro. Seus braços atados aos troncos. Sibilas. Profetizando as inquietações e turbulências dos ventos. O claro-escuro de uma tempestade que se aproxima. Mulheres tomadas pela natureza de deuses marciais. Que assumiram sua ferocidade. Fortes e brutais. Mas forçadas a abdicar da integridade de suas verdades profundas. De seus próprios caminhos. Traçáveis na firmeza e não na rigidez. A esquecer dos desejos que conduzem a alguém. A alguma parte. Onde as montanhas são montanhas. E mulheres mulheres. Onde o vento é sabedoria e suavidade. Um sopro vital nos corações das estátuas. Capaz de desmascarar a farsa do vento furioso com suas miragens. Afastam-se do sopro modelador das essências cambiantes do feminino. Da água e da lua.



△ *Morini, Albânia, 1999*

Proposta de atividades

- Pesquisar sobre a imagem da mulher no passado e nos dias de hoje.
- Pesquisar sobre o papel das guerras nos processos de emancipação feminina.

Temas transversais

- A mulher no poder. A mulher nas mitologias. A mulher nas guerras.

- A ecologia e o uso do plástico no mundo moderno.



A posição do fotógrafo é mais baixa que a do assunto. A imagem é captada na horizontal, buscando uma linha diagonal, aproximando-se da primeira mulher e enquadrando a segunda num tamanho proporcionalmente menor. Nota-se a valorização da dimensão, sobretudo da mulher em primeiro plano.